



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

ANTÔNIO AUGUSTO SILVA DA FONTOURA

(depoimento)

2015

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-525

Entrevistado: Antônio Augusto Silva da Fontoura

Nascimento: 21/10/1950

Local da entrevista: Ginásio Osmar Fortes Barcellos (Tesourinha)

Entrevistador: Alexandre Luz Alves e Luiza Loy Bertoli Pereira

Data da entrevista: 16/03/2015

Transcrição: Alexandre Luz Alves

Copidesque: Isabela Lisboa Berté

Pesquisa: Alexandre Luz Alves e Isabela Lisboa Berté

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 42 minutos e 43 segundos

Páginas Digitadas: 13 páginas

Observações:

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Inserção na modalidade judô; Sport Club Ruy Barbosa; Instituições de ensino e esportivas por onde passou; Participações como técnico, árbitro e dirigente; Conselho de Kodansha; Representantes do Conselho de Kodansha; Viagem ao Japão; Atuação nas forças armadas e de segurança; Progressão de graus dentro do judô; Contribuição para o judô gaúcho e nacional.

Porto Alegre, 16 de março de 2015. Entrevista com Antônio Augusto Silva da Fontoura a cargo dos pesquisadores Alexandre Luz Alves e Luiza Beloli Loy para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

A.A. – Para iniciar nossa entrevista, gostaria de saber como foi a sua inserção no judô e se foi a primeira modalidade esportiva que o senhor praticou?

A.F. – Foi... Eu era bem guri, gostava de uma briga, era bem moleque mesmo. O meu pai me colocou para fazer judô. Isso eu tinha acho que doze para treze anos.

A.A. – Fora seu pai, amigos, professores e familiares influenciaram na sua escolha?

A.F. – Não. Meu pai simplesmente me pegou pela mão, me levou para a academia, onde eu fiz toda a minha história. Era no Sport Clube Ruy Barbosa e o professor era o Loanzi, conhecido como Loanzi, mas o nome dele era Aloísio Bandeira de Melo. Um cearense que trouxe o judô para o Rio Grande do Sul. Eu tive o professor Loanzi, depois o professor Newton¹, o professor Obata², o professor Delamar³, o professor Hinata... Shunji Hinata⁴, um japonês que veio do Rio de Janeiro para cá. Aí eu comecei a minha vida de judoca e só saí do Ruy Barbosa quando eu estava com 19 anos, foi quando eu fiquei independente. Eu dava aula no jardim de infância, comecei no Mary Poppins⁵, depois dei aula na Assunção⁶, no Sava Clube. Sempre acompanhado do professor Newton, eu era um auxiliar dele. Eu fui para o quartel e saí faixa preta... Eu estava no quartel quando saí faixa preta, até na época saí faixa preta bem jovem, com dezoito anos. Aquela época era... Não era todo mundo que conseguia, eu estava naquele meio e fui para o quartel... Depois do quartel eu resolvi tomar rumo na vida, eu fui fazer Escola de Educação Física e começou a minha vida de judoca.

A.A. – Como era a escola aonde você iniciou a sua prática de judô?

¹ Newton Cardoso.

² Oteru Obata.

³ Delamar Teixeira da Silva.

⁴ Ricardo Shunji Hinata.

⁵ Nome sujeito a confirmação.

⁶ Bairro de Porto Alegre.

A.F. – Era muito bom, muito bom mesmo, nós tínhamos os treinamentos bastante puxados. Treinava segunda, quarta e sexta, das seis e meia até nove horas. Eu era bem guri, treinava com os adultos. Naquela época existia o Choque da Polícia Civil e eles treinavam nesse mesmo horário. Era um treino bastante puxado, mas era muito bom.

A.A. – Com relação à infraestrutura dessa escola o senhor pode relatar alguma coisa?

A.F. – Naquela época não existia praticamente o tatame. Então nós tínhamos uma área pequena de tatame, eram duas áreas, dois dojôs, vamos dizer assim. Era feito de serragem... No sábado a gente tirava a lona, passava o ancinho para deixá-la macia... Passava a semana toda, chegava sexta-feira ela estava dura que era um pau. A gente tirava a lona e aquela coisa toda, muitas vezes rasgava a lona e nós mesmos costurávamos a lona. Era um judô com muitas limitações. Depois da serragem apareceram as esteiras feitas de junco, melhorou bastante, mesmo assim não era fácil. Posterior a isso começou a vir do Paraná, na cidade de Registro... Entre Paraná e São Paulo, tinha um japonês que começou a fazer tatame, aí começou a introdução dos tatames. Naquela época era pouca gente, era a academia do professor Loanzi, a academia do João Graf⁷, tinha a academia chamada... Me falta a memória, a gente vai ficando velho e vai perdendo a memória. Mas tinha uma outra academia muito legal também. E o judô no interior só tinha Passo Fundo que eu me lembro, que tinha essas competições. Era bem precário, mas o judô começou assim e depois foi melhorando. Depois apareceu SOGIPA⁸, o Cruzeiro⁹, o Clube Israelita¹⁰, assim foi crescendo, os Gondoleiros¹¹... Depois bem mais tarde apareceu a SOGIPA, depois o Grêmio Foot Ball Porto Alegrense... Os colégios começaram a introduzir: o Colégio São João, o Colégio das Dores, o Colégio Militar. Foi crescendo aos poucos... Em Santa Maria também teve um centro, depois Santana do Livramento, Ijuí e foi indo. O judô tem esse retrospecto de muita dificuldade, a gente correr atrás mesmo. E hoje o judô é essa realidade, um judô bastante diferente daquela época. Aquela época era um judô mais voltado para a disciplina, os conteúdos eram mais trabalhados. Hoje é um judô mais competitivo, a meu ver. Não estou criticando nada, mas eu vejo o judô hoje extremamente

⁷ João Graf Vassaux.

⁸ Sociedade Ginástica Porto Alegre.

⁹ Esporte Clube Cruzeiro.

¹⁰ Associação Israelita Hebraica.

¹¹ Sociedade Gondoleiros.

competitivo e mais voltado para o lado profissional. O cara se não treinar oito horas por dia não vai ser campeão nunca e naquela época o nosso objetivo não era... O nosso não... O objetivo do judô era ensinar a disciplina, a boa conduta, enfim, seguir o espírito do judô. Hoje ele virou um esporte altamente competitivo, o objetivo é chegar ao alto nível e a parte filosófica acho que foi ficando para trás. A evolução dos tempos é assim, o ser humano vai evoluindo e vai esquecendo de cuidar de si mesmo, da auto disciplina, da busca do conhecimento de si mesmo. Tu conseguir olhar para si mesmo para ser melhor, esse era o objetivo do judô. Hoje não, hoje eu vejo o judô com o único objetivo de ser campeão: “Quero ser campeão olímpico, quero ser campeão mundial, campeão brasileiro, campeão estadual.” O cara já entra para o judô, faixa branca: “Quero ser campeão.” E esquece um pouco e os professores estão deixando isso para trás.

A.A. – Tu mencionaste o Ruy Barbosa, tu lembras onde era o endereço na época que tu treinaste lá? E qual foi o período?

A.F. – Era na Rua Riachuelo 1038, jamais vou esquecer esse número. Para vocês terem uma ideia era Riachuelo com Caldas Junior. Agora lá embaixo na Rua da Praia tem o Shopping e fizeram um prédio muito grande. Era um prédio de dois andares e embaixo era cheio de “boatizinha”, de inferninho... E em cima era o dojô e a secretaria, vestiário, tudo precário, mas tudo limpinho, arrumado. O professor Loanzi era muito exigente, ele cultuava o judô como uma forma de educar o jovem. Eu entrei lá em 1962, foi quando eu comecei o judô.

A.A. – Como era a situação do judô no Rio Grande do Sul nessa época e se tu tiveste apoio, auxílio de um clube ou instituição?

A.F. – Não, naquela época o judô era feito pelos professores, alugavam seus espaços e ali tentavam ensinar. Por que eu disse Sport Club Ruy Barbosa? Porque foi um clube de futebol, inclusive foi campeão da primeira divisão, mas que ao longo do tempo ele foi se extinguindo. E o professor Loanzi manteve o nome e ali ele desenvolveu o judô que na época era o judô mais forte e mais estruturado que tinha. Depois que veio a academia do professor Graf, também muito bem estruturada, muito bem feitinha que era na Independência esquina com Barros Cassal, um pouquinho mais acima... Eram as duas

academias fortes... Lembrei da academia Sparta¹² que era uma academia de musculação e que também tinha judô. Também era precário, feito de serragem com lona. A do professor Graf não, já era com tatame... E assim que eu me lembro, eu tinha naquela época doze para treze anos. De vez em quando a gente se encontrava, a gente saía do Ruy Barbosa, ia lá no Graf ou vice-versa. O pessoal do Sparta ia lá no professor Loanzi, o professor Teruo Obata saía do Israelita... Porque ele começou o judô forte com o professor Loanzi, ele foi professor lá. O professor Loanzi levou ele para o Israelita para abrir o judô lá... E o centro sempre foi o Ruy Barbosa, o Ruy Barbosa que fornecia os professores para o judô ir se expandindo.

A.A. – Comente como funciona a graduação do judô e como foi o processo que tornou você Kodansha.

A.F. – Eu sempre gostei do judô, competi e segui todo aquele critério. Naquela época era faixa branca, amarela, laranja, verde, roxa e a preta a gente fazia exame. Tinha uma comissão de grau, fazia exame e se a gente passasse então virava Sho Dan¹³. Depois de Sho Dan as graduações eram feitas por trabalhos prestados ao judô, mas tu tinha que continuar competindo. Eu comecei a estudar arbitragem, a estudar o judô propriamente dito... Não me lembro em que ano, eu fui promovido a segundo grau, depois a terceiro grau. Quando eu fui para o quarto grau eu já estava arbitrando até á nível nacional, eu fui aprender mesmo. Passei para o quinto grau, virei árbitro internacional, comecei a ministrar curso, viajei muito. Fui para o Japão, fui para os Estados Unidos, fui para a Áustria. Arbitrei o Campeonato Mundial Universitário, arbitrei um campeonato no Japão escolar, arbitrei um Pan-Americano. O Aurélio Miguel¹⁴ naquela época estava no auge, quando ele foi campeão Pan-Americano eu estava lá arbitrando. E a Federação¹⁵ achou por bem me promover a Kodansha¹⁶, nesse meio tempo que eu deixei de dar aula de judô eu fiquei só arbitrando. Fui convidado a ser presidente da Federação de Ginástica, me afastei um pouco do judô, fui diretor do CETE, Centro Estadual de Treinamento Esportivo, por muito tempo. A gente montou o primeiro tatame sintético aqui do sul do país, lamentavelmente teve um

¹² Nome sujeito a confirmação.

¹³ Faixa preta.

¹⁴ Aurélio Fernández Miguel.

¹⁵ Federação Gaúcha de Judô.

¹⁶ Nível de graduação dentro do judô.

incêndio, mas gente conseguiu fazer de novo. Sempre uma luta! Por esses trabalhos que eu acho que fui promovido. Até porque muita gente passou pela minha mão, muitos faixas pretas foram feitos por mim. O primeiro campeão Pan-Americano aqui do Rio Grande do Sul foi o Alexandre Garcia¹⁷, foi meu aluno e assim a gente fez. É aquela história, essa raiz que fez com que o João Derly¹⁸ fosse campeão, a Maíra Aguiar¹⁹. Hoje o Rio Grande do Sul é considerado como um grande celeiro do judô de alto rendimento. Do CETE eu fui para a Federação, saí da Federação, me aposentei... Mas não cheguei a sentar na cadeira de aposentado, o prefeito José Fogaça²⁰ me convidou por intermédio do vereador João Bosco Vaz para vir para ajeitar o Tesourinha²¹. Isso faz onze anos que eu estou aqui. Passaram três gestões e eu continuei tocando o Tesourinha no seu total. Como diretor eu tive que criar a função do coordenador pedagógico para me dedicar mais a administração do ginásio como um todo. As coisas públicas são muito complicadas, nunca tem dinheiro para nada, nós tínhamos uma associação que se fortaleceu e hoje o ginásio funciona sem problema nenhum. Temos dificuldades porque a prefeitura não tem dinheiro, a gente precisa fazer uma série de melhorias, mas não tem como. Mas a associação, através de parcerias a gente tem conseguido fazer com que o ginásio não feche. Em síntese essa é a minha vida. Sempre dedicada ao esporte, sempre acreditei que o esporte é formador de caráter, é formador de pessoas e formador do futuro. Tu é uma menina nova hoje, mas não sei se tu faz esporte... E hoje tu está na faculdade e isso é um privilégio de poucos brasileiros, mas é o futuro. O que o país está passando hoje é complicado, só que eu vejo de uma forma e tu vê de outra forma. Quando eu estive no Japão um professor me disse o seguinte: “O país de vocês tem que passar por isso, vocês tem que resolver isso. Qual é a diferença do Japão para vocês? Nós temos dois mil e setecentos anos de história, vocês têm pouco mais de quinhentos anos. Só que na nossa época era tudo feito à cavalo, à pé, tinha os samurais para abrir os caminhos. Uma guerra levava dois anos para ser preparada, uma traição para chegar lá no Imperador levava não sei quanto tempo”. Hoje tu tem o telefone, abre e-mail... Só que eles lá sempre pautaram pela educação e pela disciplina, coisa que falta hoje no nosso país. Tu tens que saber por que a Dilma²² está lá? Tu tens que saber por que o fulano de tal está lá? E os filhos de vocês que vão mudar o país, não é através de impeachment,

¹⁷ Alexandre Garcia Santos.

¹⁸ João Derly de Oliveira Nunes Júnior.

¹⁹ Maíra Aguiar da Silva.

²⁰ José Alberto Fogaça de Medeiros.

²¹ Ginásio Osmar Fortes Barcellos.

essas coisas... Até às vezes funciona, mas eu acho que a cultura, a educação que vai mudar o nosso país e isso o judô me ensinou. Por isso que eu valorizo o judô, o judô me ensinou a ter disciplina, a ter perseverança, nunca desistir, caí, levanta, vai cair de novo, levanta e assim a gente vai ser alguém. O futuro do país hoje está em suas mãos e quando vocês vêm me entrevistar eu tenho que incentivar vocês. Através da disciplina vocês vão conseguir, não em quebrar vidraça, essas coisas, não! É não ter medo de dizer o que pensa: “Olha deputado, o senhor está fazendo a coisa errada”. Não chamar o cara de ladrão, mas dizer que está fazendo a coisa errada. “O meu imposto não é para isso, o meu imposto é para saúde, para minha segurança, para a educação dos meus filhos...” Só que vocês têm que ter coragem de dizer. Esse manifesto que teve ontem foi sensacional, dizem que participaram dois milhões de pessoas e não deu um “rolo”. Porque as pessoas com consciência pegaram os filhos, crianças pequenas de colo e foram para a rua dizer: “Esse país está errado”. E isso eu tenho orgulho de dizer, o judô me ensinou a ser assim. Não que eu não tenha errado na vida, todo mundo erra na vida. Só que é aquela história, tu errou, vai lá paga o teu erro e volta. Porque a vida vai até o dia que tu morrer, enquanto tu não morrer tu está na luta: para viver melhor, para aproveitar as coisas que Deus colocou no mundo, formar família... Como tu foi educado e conseguiu chegar na faculdade, o teu filho, tu precisa fazer a mesma coisa, precisa fazer com que ele chegue na faculdade. Isso que está faltando no país, por isso que o político não investe na educação, porque o cara culto não é bem assim. O cara que abre a mente, não é assim, isso está faltando para nós. E a gente está depositando isso em vocês, vocês são o futuro dos filhos de vocês e quem sabe dos netos de vocês, porque esse processo demora. Recém estamos em uma democracia de vinte anos e já tivemos um impeachment de um presidente e dependendo de como vai a situação podemos ter o segundo impeachment. Porque está tudo contaminado, só que vocês não podem abrir mão disso, está errado, está errado. Eu sei porque essa porta abre e muitas tentações entram aqui e eu digo: “Não, não é assim, vocês querem alguma coisa, vocês vão lá falar com o prefeito.”

A.A. – O senhor lembra o ano que o senhor prestou o exame para Kodansha?

A.F. – Eu não prestei exame, eu fui promovido a Kodansha... Agora tu me apertou, não tem naquele material que eu te dei? Mas isso foi... Faz uns vinte anos, nós estamos em

²² Referência a Dilma Vana Rousseff, Presidente do Brasil.

2015, foi lá por 1989, 1990. É uma pena, porque o certo, se vocês tivessem tempo, é eu trazer minha pasta, onde eu tenho tudo organizado, por data. Tem todos os meus certificados, tem meus diplomas, quando eu fui faixa preta. Tudo documentado, os campeonatos que eu participei... Naquela época era mais legal, a gente sempre ganhava um certificado, o escudo de árbitro internacional. Mas eu acho que foi em 1989, eu acho, mas não vou afirmar.

A.A. – O senhor faz parte do Conselho de Kodanshas, tem mulheres no Conselho?

A.F. – Tem, no ano passado tivemos a honra de ter a primeira Kodansha, a Eliane Pintanel²³. Uma menina que eu conheço desde pequena e ela é muito especial.

A.A. – Atualmente quantos fazem parte do Conselho?

A.F. – Eu, Moraes²⁴, o Osvaldo²⁵, o Breno²⁶, o Kuze²⁷, o Cid²⁸, o Kiko²⁹, o Marcelo³⁰, a Eliane, o Igarai³¹, aqui já temos dez...

A.A. – O Almerindo³²...

A.F. – O Almerindo Batista... Onze. Eu acho que é...

A.A. – Em torno de uns dezesseis, dezessete?

A.F. – Não chega a tanto, porque morreu o “véio” Tatu³³... O Obata, com o Obata doze...

²³ Eliane Pintanel Teixeira Prondzynski.

²⁴ Luiz Moraes.

²⁵ Osvaldo Monteiro dos Santos.

²⁶ Breno Hebert Jones.

²⁷ Fernando Luiz Brito Kuze.

²⁸ Cid Correa Junior.

²⁹ Antônio Carlos Oliveira Pereira.

³⁰ Marcelo Opelt Xavier.

³¹ Antônio Jorge Igarai.

³² Almerindo Batista da Silva.

³³ Luiz Escandiel.

A.A. – A gente pesquisou a lista, mas não sei se ela estava atualizada, eu tinha contado dezesseis...

A.F. – Chegamos a doze, dois morreram, está faltando dois...

A.A. – Entendi... O senhor me disse que a Eliane entrou no Conselho...

A.F. – Isso, mas a Eliane eu já contei, entrou o Marcelo Xavier³⁴... Ah! Mais um... O Osório Marques³⁵, no ano passado.

A.A. – Pelas informações que eu tinha eu sabia que ele era Kodansha, mas não sabia se ele fazia parte do Conselho.

A.F. – Agora fechou.

A.A. – Me corrige se eu estiver errado, atualmente tu é Roku Dan³⁶, você ainda terá progressão nesse processo?

A.F. – Olha, eu acho que não, até porque eu não vejo sentido, porque eu estou afastado do judô. Se eu ainda tivesse trabalhando com judô... E outra, a minha vaidade não permite, eu acho que aonde eu cheguei, cheguei longe. Trabalhei bastante pelo judô, mas eu acho que essa graduação para mim está mais do que... Para mim não precisa mais do que isso, não tenho pretensões e ambições, coisa que eu nunca tive, tanto que eu fui promovido sem ter feito currículo. Hoje eles pedem, e quem quer ser promovido que mande currículo. Jamais vou fazer isso, acho que cheguei aonde cheguei, fiz o meu papel. Tenho orgulho de dizer que fiz muita gente, muito cidadão, muito homem, contribui para a juventude. Mas não em função, na esperança de ser graduado décimo grau, para mim isso está muito bom.

A.A. – Quais seriam as demandas do Conselho de Kodanshas? Tu poderia falar sobre isso?

³⁴ Marcelo Xavier.

³⁵ João Osório Marques Ribeiro.

³⁶ Graduação dentro do judô.

A.F. – Eu acho que o Conselho de Kodanshas é como o Conselho de Educação Física, como o Conselho Médico. Eu acho que o Conselho tem que procurar primeiro manter as raízes do judô, manter o espírito do judô e fazer com que o judô jamais se desvirtue. Eu acho que esse é o papel do Conselho. Acho até que lutar um pouco mais pela ética do judô, correr atrás do “cara”, por exemplo, que usar uma faixa preta sem ter a titulação de faixa preta. O cara dar aula de judô sem ter essa titulação, não ter a formação... Cuidar, zelar por quem ensina judô. Se realmente o cara está ensinando o judô com objetivos claros e pautando pela disciplina do judô. Eu acho que essa é a função do Conselho: manter a filosofia de Jigoro Kano, pensar no próximo, baixar a cabeça, sempre olhar para dentro de si antes de fazer uma crítica, primeiro se olhar... Eu acho que essa é a função do Conselho de Kodanshas.

A.A. – Comente a sua trajetória enquanto professor, técnico, árbitro ou qualquer outra atuação dentro do judô.

A.F. – Quando eu sai faixa verde, eu comecei a ser auxiliar na academia do professor Loanzi. De lá eu fui para esse Jardim dar aula, Jardim Mary Popys. Não existe mais... Eu fui para o Sava Club, depois eu fui dar aula na SOGIPA, dei aula no Colégio das Dores, dei aula no Colégio São João, no Colégio São Luís, no Colégio Mahatma Gandhi, dei aula para o Exército, dei aula para a Aeronáutica. Depois me formei em Educação Física, fui ser professor do Estado, passei no concurso. Fui diretor técnico da Federação Gaúcha Rio-grandense de Pugilismo antes da Federação de Judô. Fui um dos fundadores da Federação Gaúcha de Judô, fui diretor técnico da Federação Gaúcha de Judô, fui diretor de arbitragem, ajudei a confeccionar o primeiro livro de arbitragem. Tem mais um professor que eu esqueci de falar, o professor Bugre, também faleceu, sexto grau, o professor da Faculdade de Educação Física³⁷. Professor Bugre Ubirajara Marimon de Lucena, grande professor, um cara a frente do nosso tempo, um cara especial. Fiz minha pós-graduação na UFRGS, na qual o professor Bugre era o responsável. Depois fui diretor do CETE. Fui arbitrar, fui árbitro nacional, depois árbitro sul-americano, pan-americano. Depois árbitro internacional da FIJ³⁸, arbitrei um campeonato escolar no Japão, o Campeonato Mundial Universitário. Andei mundo á fora, arbitrei nos Estados Unidos, Áustria, no Japão, na

³⁷ Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

³⁸ Federação Internacional de Judô.

Venezuela, na Argentina, na Bolívia... Se não me esqueci foram nesses países que eu fui arbitrar. Até hoje não sei se tem um árbitro que chegou no meu nível na Federação atualmente. Eu corri muito atrás, só não consegui ser árbitro na Olimpíada por problemas de política. Era minha vez de ser árbitro na Olimpíada... O Joaquim Mamede³⁹, naquela época, um cara extremamente arbitrário trocou a minha ida por um voto de Minas Gerais. Aí foi o cara de Minas Gerais e eu não fui, foi um dos motivos que me fez tomar um outro rumo, foi quando fui para a ginástica. São coisas que acontecem e eu estava bastante triste quando chegou o pedido de eu ser interventor da Federação Rio-grandense de Ginástica e então eu peguei outro caminho. Entre outros cursos, eu fiz curso no Japão, um curso muito interessante que teve do Centenário de Morte de Jigoro Kano, foi um curso no CEFAN⁴⁰ no Rio de Janeiro, um curso internacional muito bom.

A.A. – Tu comentou sobre a passagem pelo Japão, como foi essa passagem e como aconteceu esse processo de ida?

A.F. – Foi incrível! Para poder ter ido para o Japão eu já teria de ser árbitro internacional, coisa que eu já era, e tinha que conseguir o recurso da passagem. Eu consegui o recurso, o Dr. Eliseu Bianchiase⁴¹ me patrocinou a ida para o Japão. Então lá a gente fez primeiro um curso na Kodokan, que me valeu muito. Em termos de visão de primeiro mundo, do berço do judô mundial, onde o judô começou. Depois de Tóquio, nós fomos para Hirosaki⁴² arbitrar uma outra competição na qual eu ganhei uma medalha muito bonita, com os dizeres tudo em japonês. Foi publicada em uma revista. Aquilo me deu uma dimensão muito maior de como nós, no Brasil, estávamos atrasados em relação a um país de primeiro mundo. E isso foi em 1988. Naquela época nós estávamos muito atrasados... De 1988 para 2015 faz um bocado de tempo, e eu ainda acho que mesmo com todo o desenvolvimento que judô teve... Nós em termos de educação, nós estamos muito atrás... Para você ver, quando Jigoro Kano transformou o jiu-jitsu em uma forma de escola, uma forma de educação, isso o judô brasileiro conseguiu pegar. Tanto é que o judô é muito bom e todo mundo que passou pelo judô, com raras exceções, ou o cara é professor, ou o cara é médico, ou o cara é engenheiro, o cara é advogado, o cara é jornalista. O cara consegue,

³⁹ Joaquim Mamede e Carvalho e Silva Júnior.

⁴⁰ Centro de Educação Física Almirante Adalberto Nunes.

⁴¹ Nome sujeito a confirmação.

⁴² Hirosaki é uma cidade japonesa da província de Aomori.

através do judô, ter uma vida de progresso, pena que isso não se espalhou para o resto do país, para dentro das universidades. Depois de muito tempo as universidades começaram a ter judô e o judô é o caminho. Eu fui professor do IPA⁴³ também, dei aula no IPA na cadeira de judô, fiquei três anos ensinando judô para os alunos que iriam ser professores no futuro, na graduação. Isso eu acho que é fundamental para a formação do professor de educação física.

A.A. – Você teve participação em alguma etapa de preparação de atletas que foram para as Olimpíadas ou outra competição internacional?

A.F. – Sim, eu fui técnico muitas vezes de Seleções Gaúchas, tive a oportunidade de acompanhar o treinamento da Seleção Brasileira para o Campeonato Mundial Universitário. Esse campeonato que teve no Japão, mesmo tendo sido árbitro eu participava, eu auxiliava nos treinamentos. E fiz parte de vários treinamentos de seleções que foram disputar campeonatos Pan-Americanos, Campeonato Mundial Universitário e... Uma outra coisa que eu me lembrei, fui técnico da seleção do 3º Exército, que era formado por Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina, que hoje é o Comando Militar do Sul. Fui campeão com o 3º Exército, eu fui soldado também, experiência que me ensinou muito na vida, servir a pátria... Mas participei muito intensamente do judô não só do judô gaúcho, mas do judô brasileiro.

A.A. – Que outros momentos ou eventos da sua vida dentro do judô você destacaria?

A.F. – A conquista do Aurélio Miguel como primeiro campeão olímpico, o Alexandre Garcia como campeão Pan Americano, isso me encheu muito de orgulho. Eu tive o privilégio de ser o primeiro técnico a ganhar um campeonato brasileiro que era conhecido como: “Os Beneméritos do Judô no Brasil”. Um campeonato incrível! A minha equipe, quando eu era treinador do Sport Club Internacional, a gente não ganhou um ano, a gente ganhou dois anos seguidos, com duas equipes. E depois disso a gente abriu uma porta, a SOGIPA foi campeã, o Grêmio foi campeão... Eu consegui abrir essa porta, com muita perseverança, com muita luta, foram momentos de glória. Também um momento muito importante foi quando a Rosemeri Salvador foi vice-campeã Pan-Americana em Porto

⁴³ Instituto Porto Alegre.

Rico. Uma atleta feita por nós, o professor Fernando Lemos⁴⁴ e eu estava presente quando ela foi campeã. Isso tudo me encheu de orgulho e quando eu fui campeão do 3º Exército, enfim, esses foram momentos importantes da minha vida. Quando eu fui chamado para receber a faixa de Kodansha, foi um momento muito importante. E para fechar, quando eu ganhei o escudo de árbitro internacional, dez árbitros fizeram o exame e só dois passaram, no mundo todo. E eu fui um deles, isso foi importante para mim.

A.A. – Você percebe a mudança do judô ao longo desses anos?

A.F. – Sim, muito. Aquilo que eu disse no início para vocês, o judô de antigamente pautava mais pela formação do menino, do jovem e futuramente adulto. A gente visava competição, mas a gente visava conhecer o espírito do judô, tanto que a gente... O aluno entrava lá faixa branca, a gente primeiro... O espírito do judô, o histórico do judô, o que é o judô... Depois a gente ia pautando as outras faixas. Hoje o judô, o objetivo parece extremamente competitivo.

A.A. – Tu já falou um pouco sobre isso. Mas queria que tu comentasse a sua contribuição para o judô do Rio Grande do Sul.

A.F. – Como professor, como árbitro, como um dos fundadores da Federação Gaúcha de Judô... Na montagem do curso de arbitragem, como membro da comissão de grau para examinar os futuros faixas pretas... Eu acho que tudo isso eu contribui, contribui muito com essas viagens que eu fiz, trazendo novas formas de treinamento, novas visões, progresso de judô no mundo. Eu acho que eu contribui bastante.

A.A. – Tem algo que nós não perguntamos que o senhor gostaria de deixar registrado?

A.F. – O que eu digo, vocês tem que aproveitar a juventude de vocês, tentar estudar bastante, ser alguém de bem através do estudo. Para poder incentivar a juventude que está vindo, para nós fazermos um país melhor. Nós precisamos de vocês, a juventude de hoje, através da educação... E não tem outra forma, só a educação vai fazer com que o nosso país

⁴⁴ Fernando Machado de Lemos.

mude e isso está depositado em vocês. Estou contribuindo com vocês para lá na frente pegar as crianças e dizer: “O caminho do futuro é a educação”. Não tem outra forma.

A.A. – Gostaria de agradecer em nome do Centro de Memória do Esporte a sua disponibilidade, esse relato de vida. As entrevistas do judô tem sido uma coisa á parte, contribuindo para o nosso projeto. Muito obrigado!

A.F. – É que o judô é uma coisa á parte. Sem desmerecer nenhuma outra, mas o judô é um meio de vida.

A.A. – Certo, obrigado Antônio.

[FINAL DA ENTREVISTA]